

Naiara Sales Araújo

naiara.sas@gmail.com

Graduada em Letras/Inglês (2001) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); especialista em Língua Inglesa (2004) pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); mestra em Letras (2007) pela UFPI e em Estudos Literários (2008) pela Universidade Metropolitana de Londres (London Metropolitan University), onde também obteve título de doutorado em Literatura Comparada (2013). É professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Fábio Henrique Novais de Mesquita

fabiomesquitaletas@gmail.com

Graduado em Letras (2013) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e mestrando em Letras na mesma instituição. É professor de Língua Portuguesa na rede privada de ensino.

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre as considerações feitas sobre a memória, sua elaboração e implicações na constituição de identidades a partir de estudos realizados por Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak. As considerações feitas por Dominique Maingueneau, que situam o discurso literário a partir de suas condições de produção, fazem pensar na escrita literária como uma atividade de linguagem profundamente marcada pela história. O estudo se alia à abordagem de Naiara Araújo acerca da Ficção Científica Brasileira (FCB), pouco conhecida tanto como gênero que dialoga com o contexto social, político e cultural, quanto como reveladora dos interstícios que a narrativa histórica não se propõe a registrar. A partir da novela de Plínio Cabral, *Umbra* (1977), é traçado um percurso dialógico que leva em consideração a literatura como lugar de memória.

Palavras-chave: Literatura; Ficção Científica Brasileira; Memória; Discurso Literário; Lugares de Memória.

Umbra: uma reflexão acerca da memória construída a partir do discurso literário

Umbra: a reflection on memory constructed through the literary discourse

Abstract

This paper purpose a reflection about the considerations about memory, its construction and implications over identities constitution, bringing the studies of Maurice Halbwachs, Pierre Nora and Michael Pollak. Dominique Maingueneau's considerations about the literary discourse and its production conditions allow us to think the literary writing as a language activity deeply marked by History. This study also consider Naiara Araújo's approach toward Brazilian Science Fiction, little known both as a genre which dialogues with social, political and cultural context, as an instrument able to reveal the interstices that History does not register. Through the literary analysis of Plínio Cabral, *Umbra* (1977), we traced a dialogic route that takes into account Literature as a place of memory.

Keywords: Literature; Brazilian Science Fiction; Memory; Literary Discourse; Place of Memory.

I n t r o d u ç ã o

Discussões em torno da memória vêm despertando um interesse crescente no meio acadêmico e tem suscitado importantes discussões no tocante aos estudos de identidade, sociedade e cultura, sobretudo nas últimas décadas, no Brasil. Com o intuito de contribuir com os estudos já existentes neste universo, este artigo aborda a memória associada ao discurso literário engendrado pela Ficção Científica Brasileira (FCB), gênero não canônico, no entanto revelador dos interstícios dos quais a história oficial não se ocupa. O objetivo aqui não é o de problematizar a pertença de um gênero ao cânone literário ou lançar quaisquer juízos de valor a determinadas obras, mas sim ratificar a escrita literária

como uma atividade de linguagem profundamente marcada pela história em movimento, geradora de sentidos.

Os estudos a partir da obra *A memória coletiva* (2003), do filósofo francês Maurice Halbwachs, realizados por Pierre

O objetivo aqui não é o de problematizar a pertença de um gênero ao cânone literário ou lançar quaisquer juízos de valor a determinadas obras, mas sim ratificar a escrita literária como uma atividade de linguagem profundamente marcada pela história em movimento, geradora de sentidos.

Nora (1993) e Michael Pollak (1989), contribuem de forma significativa para percebermos que a memória é um fenômeno suportado pelas ações coletivas apreendidas pelo indivíduo a partir de suas experiências nos vários grupos dos quais

faz parte. A obra de Halbwachs que constitui uma reunião de textos publicada postumamente, em 1950, leva à desconstrução de equívocos acerca da relação entre memória individual, memória coletiva e memória históri-

ca, pontuando as diferenças a partir dos lugares em que são produzidas e quais mecanismos estão imbricados nestas (des)construções. Nora amplia as reflexões feitas por Halbwachs ao diferenciar as categorias memória e história a partir dos lugares em que a memória se resguarda e Pollak ao relacionar a memória com a elaboração da identidade e os silêncios dos quais a história não se ocupa.

As postulações do linguista francês Dominique Maingueneau (2014) direcionam os estudos acerca do discurso literário a partir de condições de produção da obra. A linguagem como atividade dialógica nos faz pensar a criação literária dentro das relações sociais que são estabelecidas com o outro, tomando assim o discurso como produto destas relações e constituindo-o num espaço dialógico com outros discursos.

Com o intuito de tornar o estudo ainda mais significativo, lança-se mão dos estudos da pesquisadora de Ficção Científica Brasileira, Naiara Araújo, voltados para obras deste cunho com ênfase no discurso pós-colonial e a pós-modernidade. Em sua obra *Brazilian Science Fiction and the Colonial Legacy* (2014), Araújo abraça o gênero FCB como um campo

revelador do discurso literário engajado, ao se posicionar contra argumentos de alguns críticos, tais como Elizabeth Ginway, que o consideram, no Brasil, desvinculado de quaisquer pontos de vista acerca da realidade político-social pela qual passava o país nas décadas de 1960 e 1970.

Embora a ficção científica tenha enfrentado resistência por parte da crítica literária canônica brasileira, que demorou em reconhecer sua legitimidade, ela possui uma longa história. No Brasil, exemplos preliminares de literatura especulativa cujas narrativas vislumbravam possibilidades de mudanças políticas e sociais, nem sempre relacionadas a avanços tecnocientíficos, começaram a ser produzidos ainda no século XVIII, no entanto, a estruturação do que hoje se reconhece como sendo ficção científica brasileira só se deu a partir do século XIX. Segundo Yolanda Molina-Gavilan em seu *A Chronology of Latin American Science Fiction, 1715-2005* (2007), em meados do século XIX autores brasileiros começaram a escrever contos sobre sociedades imaginárias e viagens ao futuro, nos moldes de Júlio Verne e Camille Flammarion. Estes trabalhos descritivos tratavam principalmente sobre refor-

mas políticas através da representação de eventos ou sociedades futuras, como em *Páginas da História do Brasil*, de Joaquim Felício dos Santos (1868-1872) e *O Doutor Benignus*, de Emílio Zaluar (1875).

Após a virada do século, o gênero se desenvolveu com os autores focando em reformas sociais e agrárias, bem como em eugenias e nos papéis sociais das mulheres, como em *Brasil no Ano 2000*, de Godofredo Barnsley (1909) e *O Reino do Kiato*, de Rodolfo Teófilo (1922), *A Liga dos Planetas*, de Albino Coutinho (1922), e *A Amazonia Misteriosa*, de Gastão Cruls (1925), entre outros. Todas estas obras são, todavia, de alguma forma derivadas da ficção científica anglo-europeia.

Em 1926, o escritor José Monteiro Lobato escreveu *O Presidente Negro*, uma sátira que relata a história de um homem comum e professor de física que inventou uma máquina do tempo capaz de prever o futuro dos Estados Unidos até 3527. Neste clima de invenção, há também um transportador capaz de transportar coisas via ondas de rádio, resolvendo assim, todos os problemas de tráfego da cidade. Dentre muitas outras invenções, há também um “te-

atro dos sonhos”, onde os sonhos das pessoas são projetados em uma tela. A influência de H. G. Wells é notável na narrativa de Lobato. Para Araújo (2014), assim como Wells, Lobato usa uma máquina do tempo como um dispositivo literário para explorar ideias futuristas bem como dialogar com as noções de tempo, espaço, identidade e memória de um povo.

As incursões teóricas de Araújo (2014) partem da análise de algumas obras, entre elas o texto novelístico de Plínio Cabral, *Umbra*, publicado em 1977, época em que o Brasil ainda vivia sob o regime de uma ditadura militar que trouxe muitos prejuízos tanto materiais quanto imateriais. Sabe-se que este regime político se prevalece de instrumentos para silenciar vozes, cercear memórias e subjugar por meio de um discurso que tenta mascarar as desigualdades e a exploração por uma falsa ideia de progresso. Esta obra, também será retomada aqui como *corpus* para reflexão. Por isso, a obra de Araújo será o nosso principal percurso para amalgamarmos os fundamentos utilizados aqui, estabelecendo um diálogo sem pretensões de ser conclusivo.

Literatura: o silêncio da memória (i)materializado no discurso literário

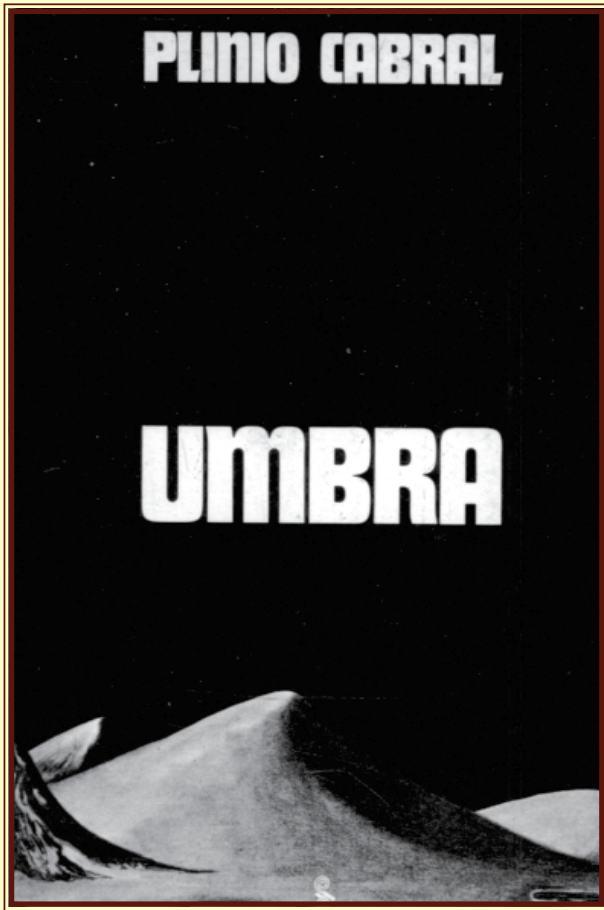


Imagem 1 – Capa do livro “Umbra”, de Plínio Cabral, lançado pela Summus Editorial em 1977.

Na contra mão de uma atitude positivista que ainda permeava o Brasil em pleno século XX, as artes de maneira geral, como a música e a literatura, desempenharam fundamental papel para a elaboração de um discurso que denunciasse as práticas totalitárias do regime da Ditadura Militar que tenta-

va silenciar o que Pollak (1989, p.3) caracteriza como *memórias subterrâneas*. Como as instituições legais estavam incumbidas de transmitir o discurso dominante, os movimentos artísticos e sociais se empenhavam em desconstruir a imagem de um progresso conduzido por uma ordem armada que aquelas projetavam.

Antes de apresentar a obra aqui analisada, vale salientar que o discurso literário, assim como outros discursos, proporciona a captação de uma diversidade de sentidos e que suas representações são mediadas pela linguagem. O contexto em que ela circula vai determinar quais caminhos de sentido são percorridos pela memória. Mais do que uma representação de determinada época com suas ideologias e organizações sociais, o texto literário é a manifestação de vozes que são historicamente enunciadas e situadas. Então,

Não se pode conceber a obra como uma organização de “conteúdos” que permitiria “expressar” de maneira mais ou menos enviesada ideologias ou mentalidades [...] Também a literatura constitui uma atividade; ela não apenas mantém um discurso sobre o mundo como produz sua própria presença nesse mundo (MAINGUENEAU, 2014, p. 44).

A Literatura como atividade de linguagem ratifica a ideia de um discurso que reflete um engajamento mais profundo com o contexto sociocultural. Não um retrato, mas uma caricatura a partir do diálogo, das experiências trocadas, ressaltando o valor da alteridade neste processo.

Memória e linguagem então se articulam num processo dialógico em que individual e coletivo simultaneamente interferem-se e manifestam-se um pelo outro, e segundo Maingueneau (2014, p. 163) “o discurso literário mantém uma relação essencial com a memória”.

Os estudos de Halbwachs (2003), ao se direcionarem às categorias de Memória Coletiva e Memória Histórica, são categóricos ao pontuar que enquanto aquela se vale das experiências vividas, de fatos que atuam de maneira marcante em determinado grupo participado, esta é uma sucessão de fatos e acontecimentos marcantes na história de um país. Para a memória coletiva, passado vivido é matéria de identificação e, por conseguinte, de formação identitária; o passado histórico é uma aglutinação de fatos que não se hierarquizam num grau de menor ou maior importân-

cia para um determinado grupo, um sepultamento de uma memória que deixou de existir pelo fim da tradição. Nora (1993), em seu artigo *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*, atribui a existência de lugares de memória à

[...] uma aceleração da história [...] uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou do vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o sentimento histórico profundo. [...] Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais (NORA, 1993, p. 7).

Este acontecimento está diretamente relacionado à imposição que as condições pós-modernas impõem às relações sociais, uma preocupação voltada para o futuro, para o desenvolvimento, para a ordem, observando o passado como um dado a ser superado para a voga do progresso. A história ao tentar reescrever o passado não dá conta das lacunas as quais só a memória pode preencher.

Pollak (1992), ao se referir a Halbwa-

chs, nos coloca diante de duas questões que são respondidas por ele, por conseguinte:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são *os acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. [...] Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens (POLLAK, 1992, p. 201, grifos do autor).

Desta forma, a aparente unidade de nossa constituição como indivíduos, aos poucos revela a presença de vários grupos em nossa constituição como seres sociais, ou, de acordo com Halbwachs (2003, p.64), de outras memórias coletivas das quais “não percebemos que somos apenas um eco”. O que reivindica a presença, mais uma vez do dialogismo, pois

[...] o eu é constituído apenas através de seu relacionamento com o outro; toda compreensão é dialógica por natureza; o significado pertence a uma palavra em sua posição entre os falantes, e a concordância entre os colaboradores no relacionamento dialógico é definida como uma convocação (HALL, 2011, p. 219).

Tal assertiva ratifica a posição de Halbwachs quanto à relação entre a memória individual como um ponto de vista sobre a coletiva, resultando das posições que o indivíduo ocupa em determinados grupos. Por meio deles, a lembrança é evocada, ainda que difusa nas memórias coletivas, assumindo um caráter unitário e ao mesmo tempo múltiplo. Pollak (1992, p.201) afirma que “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível saber se ela participou ou não”.

Para ele, além dos acontecimentos e das personagens para a constituição da memória, os lugares, mesmo que não sejam investidos por uma referência cronológica, estão vinculados à lembrança de forma a reivindicar uma identificação do indivíduo, por isso lugares de memória. As relações que o grupo estabelece com o lugar são atravessados por uma relação em que há simultaneamente a identificação entre ambos. Acontecendo isto, o grupo, transforma o lugar na mesma medida em que este também pode ser reflexo

dele. Constituem-se assim, os lugares de memória. Para Nora (1993, p.21),

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo um recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente para uma chamada concentrada da lembrança.

Desta maneira, podemos tomar a Literatura como lugar de memória, visto “que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1993, p. 22).

A princípio, a alteridade se constitui como a principal engrenagem para constituição da memória individual e coletiva, visto que a memória indivi-

dual é constituída a partir das relações que se estabelecem com o grupo. A falsa ideia da autonomia total que o indivíduo acredita ter de sua constituição como ser social é rompida pelo deslocamento de uma percepção psicológica para a social. Assim, Halbwachs (2003, p. 30) pontua que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Em outras palavras, o homem é formado por um conjunto de memórias geradas no seio de uma sociedade.

Para Pollak (1989), há aí uma via de *negociação* [grifo do autor] entre memória individual e coletiva, em que apenas as recordações trazidas pelos outros não são suficientes para a formação da memória individual. É necessário que haja pontos de interseção entre ambas – individual e coletiva – para que os testemunhos trazidos pelo coletivo – os outros – possam ser ressignificados nestes mesmos pontos. Assim, sinaliza para mudanças de paradigmas ao não

lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se

tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias (POLLAK, 1989, p. 4).

Ao voltar o seu olhar para a história oral, salienta a importância dos grupos minoritários e de suas *memórias subterrâneas* em oposição à *memória nacional*: “Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados” (POLLAK, 1989, p. 4).

Neste contexto, a obra de Cabral se revela como um eco de vozes que só uma linguagem trabalhada com o simbólico se encarrega de manifestar. Os silenciamentos que a censura outorga, fazem emergir a necessidade de recuperar a memória que a Ditadura se empenha em apagar.

Umbra: o sombrear da memória

Publicada em 1977 e dividida em três

partes – O Velho, As Lendas e O Menino – *Umbra* retrata um planeta desfigurado pelos maus tratos do Homem à Natureza e como as condições de sobrevivência são precárias numa Terra destruída e sem vida. Os personagens não têm nome, a não ser os heróis das Lendas que constituem a segunda parte da obra. Todos vivem dentro da Fábrica e medram sair, pois fora dela não há condições de sobrevivência. Dentre os habitantes, há o Velho, pescador, único que sabe pescar *Mosqueixes* e que se arrisca para além dos muros onde seres estranhos vagam ao escurecer. As águas do rio são negras, mas o Velho sempre se aproxima, com cuidado, da Grande Margem para não ser engolido pelo Marental. Sua ida à Grande Margem é justificada pela necessidade que ele tem de encontrar o Menino, personagem destinado a resgatar a memória, que é passada a partir de lendas contadas pelo Velho. Todos os dias os dois se encontravam e a cada encontro uma nova lenda era contada. O lado de fora da Fábrica reserva muitos perigos e os dois tinham que chegar antes que seus portões se fechassem. Certo dia, o Menino não vai ao encontro do Velho, o que o deixa desolado e curioso. Ao se acom-

dar para dormir, “Pensou no Menino. Lembrou-se das Lendas, que eram treze. E depois, satisfeito, adormeceu” (CABRAL, 1977, p. 20). Esta é a primeira parte da novela.

Em seguida as Lendas começam a ser narradas envolvendo o leitor numa confusão de sonhos e lembranças de um passado sem memória. Cada uma delas possui um herói que assume diversos nomes na medida em que ressuscita na outra Lenda. Eric, Aric, Deric, Teric, Talaric, Taric, Alaric, Laric, Daric, Valderic, Galderic, Genseric, Goderic, treze Lendas no total. Na primeira delas, Eric tem o objetivo de matar a Cidade Morta, pois ela é a responsável por toda a destruição da Natureza. Ao alcançar o seu objetivo, também sucumbe à morte. Os outros que o sucedem, tentam salvar os escassos recursos naturais que ainda restam da ganância e do poder destrutivo do homem.

O pássaro, a flor, a água, não resistem à vontade de poder do homem. Como a terra estava seca e não havia mais raízes para comer, Genseric, conduziu as pessoas até a Cidade Morta onde construíram a Fábrica em sete anos.

No entanto, como todos os outros, muito cansado e já velho, enrolou-se no pó e dormiu. Já Goderic, o único que não desapareceu desta maneira, desapareceu pelos ares, voando em sua invenção que fazia lembrar o pássaro de Teric.

Na terceira e última parte há, finalmente, o reencontro do Velho com o Menino, o qual resolve ir em busca das Lendas, contrariando as expectativas do Velho. Como não consegue convencer o Menino a ficar para que os seus ensinamentos e a tradição não se perdessem, como os heróis, que estavam muito velhos e cansados, se enrolou no pó e dormiu.

De acordo com Araújo (2014), a obra de Cabral é bastante atual à sua época por dialogar com movimentos ecológicos que surgiram na década de 1970, como a fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente, que defendia a preservação da fauna e da flora e o combate à poluição causada por veículos e indústrias. Com a censura como principal arma da ditadura, quaisquer ações ou manifestações que responsabilizassem o governo pela destruição ambiental eram reprimidas pelo regime militar.

Observa-se que Cabral (1977) utiliza muitas metáforas religiosas em sua narrativa. Para alguns leitores ou críticos, esta comparação pode não passar de uma análise superficial e pessimista do futuro pautada em visões apocalípticas. Contudo, são bastante significativas para compreensão dos fatos que são retratados pelas Lendas. A noção bíblica da origem do Homem é tão arraigada à memória coletiva, que o discurso religioso perpassa pela narrativa como um grande aliado na compreensão da dinâmica da ditadura e suas estratégias para perpetuar um discurso dominante.

A própria imagem messiânica do herói, em especial a de Daric, que em sua morte lembra a crucificação de Cristo, a história subvertida dos Reis Magos, a repetição do símbolo numérico *setenta vezes sete* como indicativo de infinito, a criação da Fábrica em sete dias, misturam memórias a fim de constituir uma identidade perdida num passado inexistente. Conforme Araújo (2014, p. 133),

Given the fact that this novel was published in 1977, it is pertinent to highlight that its publication coincided with some important ecological movements that arose in Brazil during the 70s. Another important issue to stress is the particular significance

of the environment for Brazilian national identity which is associated with the myth of greatness, or national greatness. This myth goes back to images of Brazil's wealth and beauty, its forests and fertile lands...¹

Por meio do discurso engendrado por uma política nacional de desenvolvimento, se propaga a imagem de que o Brasil seria o lugar ideal para se viver, sendo produzida de tal forma que, de acordo com Giddens (2002, p. 31), “a familiaridade gerada pela experiência transmitida pela mídia pode talvez, com frequência produzir sensações de inversão de realidade”. Para ele, “os meios de comunicação não espelham a realidade, mas em parte a formam” (GIDDENS, 2002, p. 32).

Conforme expressa Araújo (2014), os escritores de FCB do terceiro mundo eram vistos como imitadores dos modelos do primeiro mundo que defendiam o ponto de vista de que o advento da transformação pela tecnologia estava relacionado a um futuro melhor para o mundo. Araújo enfatiza ainda, que esta visão faz

¹ Visto que este romance foi publicado em 1977, é pertinente salientar que sua publicação coincidiu com alguns importantes movimentos que emergiram no Brasil durante a década de 1970. Outro importante aspecto a ser enfatizado é a particular importância do meio ambiente para a identidade nacional brasileira que está associada ao mito da grandeza nacional. Este mito remete à riqueza e beleza do Brasil, suas florestas e terras férteis...[tradução nossa].

parte do imaginário do homem europeu que, fomentado pela descoberta de novos continentes, viam o lugar ideal para se viver no futuro como lugares belos e exóticos, onde poderiam desfrutar da Natureza, que lhes proporcionaria tudo o que precisassem.

A afirmação de uma memória nacional, aquela que oprime e uniformiza, de acordo com Pollak (1989), se torna necessária para enfrentar a emergência das memórias das minorias. Neste sentido, percebe-se na narrativa de *Umbra* o eco de vozes que ao mesmo tempo em que são inscritas na Literatura, inscrevem-na na realidade por meio da verossimilhança.

O trabalho de Pollak, *Memória e identidade social*, se ancora em registros orais nos quais percebeu “marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (POLLAK, 1992, p. 201). Mesmo que não participe de alguns acontecimentos que envolvam o grupo, o indivíduo pode ainda ser investido por uma memória herdada, que pode ser acumulada dentro do grupo ou engendrada por fatores externos a ele. Observando o caráter oral da constituição da Lenda como gênero, sabemos que ela pode ser remodelada com elementos culturais de determi-

nado grupo em variados contextos. De acordo com Maingueneau (2014, p.177, grifo do autor), “*devemos tomar lenda aqui, portanto, em sua ambiguidade de palavra que é preciso dizer, ou melhor, redizer, porque memorável, e palavra de acompanhamento de imagens*”.

As Lendas, que constituem a segunda parte da obra, resgatam a figura mitológica do inconsciente imaginário, o herói, como a última esperança de salvação da Natureza, nem que fosse uma parte dela apenas. Ele assume diversos nomes, no entanto, estas mudanças figuram a sua ressurreição em cada lenda narrada, em cada tempo.

Como supracitado, o Velho, como os demais, vive na Fábrica de onde poucos ousam sair devido às péssimas condições de sobrevivência que o lado de fora oferece. Contudo, ele é o único que se permite avançar um pouco mais além dos limites da Fábrica e o único que sabe caçar *Mosqueixes*, uma metamorfose possível entre a mosca e o peixe. Geralmente, essas imagens metamorfas em obras de ficção científica são causadas por contato com lixos tóxicos ou com alguma substância radioativa.

As narrativas de FCB das décadas de sessenta e setenta, no Brasil, eram influenciadas por elementos inseridos pelo Realismo Maravilhoso nas obras latino-americanas. De acordo com Araújo (2014, p. 23),

[...] many of these characteristics are present in science fiction by Brazilian authors produced from the 60s onwards as if the magical realism model that had emerged in Latin American during the 60s influenced how the genre of science fiction developed in Brazil².

Assim como as narrativas anglo-americanas refletiam suas imagens de um futuro paradisíaco influenciadas pelo Realismo Mágico, as latino-americanas mergulhavam no mundo do maravilhoso, um discurso entranhado da / na realidade pós-colonial de muitos países deste continente. O Brasil, por quase duas décadas, vive uma grande transformação política, social, econômica, cultural que irá movimentar a elaboração de uma memória coletiva em meio a um de seus maiores eventos históricos: a ditadura militar – um

² Muitas dessas características estão presentes nas obras de ficção científica escritas por autores brasileiros a partir da década de 1960, como se o modelo de realismo mágico que emergiu na América Latina nesta mesma década, tivesse influenciado no desenvolvimento do gênero de ficção científica no Brasil [tradução nossa].

período que compreende as décadas de sessenta, setenta e oitenta despontar na década de oitenta: “as teorias pós-coloniais e ecofeministas têm sido úteis para analisar e explorar a ficção científica brasileira bem como revelar importantes elementos que a distinguem dos modelos internacionais” (ARAÚJO, 2014, p. 26, tradução nossa).

Neste momento, percebe-se uma crítica forte às políticas ecológicas governamentais que permitiram, nos anos 1970, durante o período ditatorial, a abertura total a indústrias estrangeiras, sem que fossem submetidas a despesas com a legislação ambiental (ARAÚJO, 2014). A emissão de gases poluentes, a poluição de rios e nascentes, o desenvolvimento industrial no Brasil marcou a sua entrada no processo de industrialização e o colocou no processo de globalização da dinâmica pós-moderna. Ao mesmo tempo, os direitos civis eram cassados pela ditadura e as vozes censuradas pela política da ditadura.

Em *Umbra*, a manipulação exercida pela memória nacional é claramente exposta tanto no controle exercido pelo fechamento dos portões da Fábrica quanto na alienação produzida pela

ideologia dominante que, segundo Althusser, tem a finalidade de garantir

[...] uma reprodução da submissão desta [a população da Fábrica] às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade para manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também, pela palavra, a dominação da classe dominante (ALTHUSSER, 1980, p. 21-22).

Para ele, não basta garantir apenas a força material como o salário para garantir a circulação do discurso dominante, mas também a reprodução da ideologia por meio de instituições como, por exemplo, a escola. No caso de *Umbra*, este poder é exercido diretamente pela Fábrica, que funciona como um dispositivo de controle do comportamento dos indivíduos, como se percebe:

Nada era importante: cada um fazia o que era necessário fazer, desde os tempos imemoriais. E ninguém se importava com o resto. A Fábrica fornecia tudo: roupa sintética, alimento concentrado, figuras visuais e reuniões onde se debatiam histórias sobre o futuro (CABRAL, 1977, p. 10).

Ao longo da primeira parte, tanto o Velho quanto os outros personagens são tratados como pessoas sem memória. Pessoas sem memória não têm passado. Não há senso de identidade. Figuras estranhas que circulam fora da Fábrica as quais ninguém havia visto, são retratadas como *sombras deslizantes* ou *indefiníveis*. A transposição feita do substantivo comum para o próprio pode ser vista como uma estratégia do autor para retratar as consequências dos esforços conduzidos para apagamento da memória e uma profunda crise de identidade que distancia cada vez mais a humanidade do mundo fora da Fábrica. Não há possibilidade de viver fora dela, ela é a única alternativa de sobrevivência, então não há motivos para sair de lá. A humanidade está condicionada às suas regras, uma sujeição que é forçada pela censura e aos poucos se torna um comportamento natural.

De acordo com Araújo, Cabral lança mão das teorias pós-colonialistas, que emergiram na década de 1980, para retratar as consequências da colonização sobre a identidade.

The degeneration of men, for example, is strongly emphasized in *Umbra*, suggest-

ing the destructive impact of colonization on human identity; like technological development, the process of colonization generates people without memories, dreams or hope (ARAÚJO, 2014, p.140)³.

Sabendo-se que na época em que a obra foi escrita, havia uma imposição das políticas estrangeiras, por questões econômicas, a denúncia que Cabral faz na narrativa é pertinente uma vez que as políticas estrangeiras impõem suas regras no mercado nacional instaurando uma política de desenvolvimento global onde a nova metrópole se apropria da matéria prima da colônia para lhe revender como produtos mais caros. A dinâmica da globalização prevê

Aceitar o risco como risco, orientação que nos é mais ou menos imposta pelos sistemas abstratos da modernidade, é reconhecer que nenhum aspecto de nossas atividades segue um curso predestinado, e todos estão expostos a acontecimentos contingentes (GIDDENS, 2002, p. 33).

A realidade apresentada pela Terra degradada irá determinar de que forma o Homem vai se adaptar às novas

³ A degeneração do homem, por exemplo, é fortemente enfatizada em *Umbra*, sugerindo o impacto destrutivo do processo de colonização na identidade humana; assim como o desenvolvimento tecnológico, o processo de colonização gera pessoas sem memórias, sonhos ou esperança [tradução nossa].

condições de existência. No momento, apenas a Fábrica pode proporcionar uma vida melhor. No entanto mais favorável que o ambiente hostil em que se transformara. Para Giddens (2002, p. 33), “o futuro não consiste exatamente na expectativa de eventos ainda por vir”, mas são organizados de maneira reflexiva no presente com elementos da memória, da história de maneira crônica (no sentido cronológico).

Pollak (1992) admite três fatores essenciais no processo de construção de identidade: a *unidade física*, que abarca as fronteiras individuais e do grupo; a *continuidade dentro do tempo* — cronológico, moral ou psicológico; e o *sentimento de coerência* no qual os elementos diferentes da constituição de um indivíduo se unificam. De acordo com ele,

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204, grifo do autor).

O desfecho da obra de Cabral (1977) revela a necessidade de não deixar a memória morrer, pois ela está intimamente ligada aos lugares de seu pertencimento. Para Pollak (1992, p. 202),

Existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu [...] Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa podem constituir lugar importante para a memória do grupo e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a este grupo.

A ausência destes lugares na lembrança dificulta a reconstituição da memória, pois, conforme Halbwachs (2003, p. 189), “é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer”, um simulacro da imutabilidade do tempo, remontando o passado no presente.

Considerações finais

Pretendeu-se neste estudo contribuir com reflexões que problematizem os estudos acerca da memória que evoca um passado vivo no presente e dinamizado por lugares em que encontra suporte. Na obra de Cabral, encontramos um percurso que nos ajudou a identificar a literatura como lugar de memória pelo seu caráter material, simbólico e funcional.

A narrativa de *Umbra*, longe de ser um mero registro de uma memória morta, um arquivo histórico, é investida pelo que Nora (1993) chama de uma *aura simbólica*, visto que na relação dos indivíduos com a Fábrica remete uma tentativa de apagamento da memória, do passado vivido, percebido principalmente na alienação das pessoas. Ao se reunirem para contar histórias sobre o futuro, revelam um passado silenciado e que não conseguem mais evocar. Deixa de ser um caráter meramente funcional e se estabelece como um ritual, uma perpetuação das experiências vividas, renovadas, mesmo que repetidas. Assim, pode-se evocar

Nora (1993, p. 22), pois as lendas, por serem carregadas de material simbólico, são “uma chamada concentrada da lembrança”.

A ausência dos lugares de memória na novela de Cabral impossibilita qualquer senso de identidade nos habitantes da Fábrica. Sem ter um suporte de memória, eles recorrem à narração das lendas que de alguma forma reconstroem o passado, que não é histórico para eles, mas mítico. Uma memória reelaborada, no entanto discordante entre eles o que dificulta a sensação de pertença ao grupo, ao passado, não constituindo assim uma memória coletiva, pois esta nasce da negociação que as memórias individuais fazem entre si encontrando uma base comum.

A premissa de que a constituição da memória é um ato individual e de que há uma aparente espontaneidade em seu ponto de partida, se desfaz na medida em que entendemos que as relações sociais são formas de consciências que moldam não só o comportamento, mas também os valores e princípios de seus membros. Mesmo em momentos em que nos encontra-

mos aparentemente sozinhos, trazemos conosco elementos de grupos aos quais pertencemos, ainda que “outros não estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco uma certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWALCHS, 2003, p. 30).

A partir desta consideração, somos levados a seguir este percurso, tendo em vista que é a partir do grupo ou dos grupos aos quais pertencemos – considerando os dois tempos que esta forma verbal (*pertencemos*) admite, presente ou pretérito – que as nossas lembranças são evocadas deslocando sua origem do individual para o coletivo. Contudo, um acontecimento pode ser considerado como lembrança ou não, dependendo do envolvimento afetivo que nos liga a ele. Será que este processo de identificação (ou não) com determinado evento de um dado grupo ao qual somos ligados pode se constituir matéria de identidades? Arrisco dizer que, para Halbwachs, sim, visto que a pertença a vários ambientes e as várias posições de sujeito ocupadas por cada indivíduo de certa maneira são referências identitárias. De acordo com Hall,

As estruturas exibem tendências – linhas de força, aberturas ou fechamentos que constroem, modelam, canalizam e, nesse sentido, “determinam”. Mas estas não podem definir, no sentido de pensar absolutamente ou garantir. As ideias que devem pensar, estão irrevogável ou indelevelmente inscritas nas pessoas; o senso político que elas devem ter não se encontra como inscrito em seus genes sociológicos (HALL, 2011, p. 158).

Vale ressaltar que o jogo de influências exercido por várias correntes sociais (grupos) às quais estávamos aparentemente alheios, se manifesta no jogo de conflitos que se estabelece entre a memória individual e a coletiva, pois “enquanto sofremos docilmente a influência de um meio social, não a sentimos. Ao contrário, ela se manifesta quando em nós um ambiente

é cotejado com o outro” (HALBWALCHS, 2003, p. 58).

A criação literária por ser profundamente marcada por seu contexto de produção possibilita um diálogo cada vez mais eloquente e aberto com as diversas memórias coletivas, visto que elas são as memórias dos grupos dos quais fa-

A criação literária por ser profundamente marcada por seu contexto de produção possibilita um diálogo cada vez mais eloquente e aberto com as diversas memórias coletivas, visto que elas são as memórias dos grupos dos quais fazemos parte ao longo de nossa existência social.

zemos parte ao longo de nossa existência social. A difusão e o contato com esta Literatura evidencia o fato de estas obras serem profundamente engajadas às condições históricas, sociais, culturais, políticas de suas condições de produção, revelando como o processo de elaboração da identidade é vinculado a essas condições.

zemos parte ao longo de nossa existência social. A difusão e o contato com esta Literatura evidencia o fato de estas obras serem profundamente engajadas às condições históricas, sociais, culturais, políticas de suas condições de produção, revelando como o processo de elaboração da identidade é vinculado a essas condições.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e os Aparelhos Ideológicos do Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- ARAÚJO, Naiara Sales. *Brazilian Science Fiction and the Colonial Legacy*. São Luís: Edufma, 2014.
- BARNSELY, Godofredo Emerson. *Regeneração nacional: crônica da sociedade brasileira futura*. São Paulo: Rothschild, 1909.
- CABRAL, Plínio. *Umbra*. São Paulo: Summus, 1977.
- COUTINHO, Albino Jose Ferreira. *A Liga dos Planetas*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1923.
- GASTÃO Cruz. *Amazonia misteriosa..* Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1925.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALBWALCHS, Maurice. *A memória coletiva (1950)*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2014.
- MOLINA-GAVILAN, Yolanda; BELL, Andrea; GINWAY, Elizabeth et al. A Chronology of Latin American Science Fiction, 1775-2005. *Science Fiction Studies*, Greencastle, Indiana, v. 34, n. 3, p. 369-431, 2007.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, n. 10, p. 7-28, 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Districto Diamantino da Comarca do Serro do Frio (Provincia de Minas Gerais)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1868-1872.

TEÓFILO, Rodolfo. *O Reino de Kiato: no País da Verdade*. São Paulo: Monteiro Lobato Editor, 1922.

ZALUAR, Augusto Emílio. *Exposição Nacional Brasileira de 1875*. Rio de Janeiro: Typ. do Globo, 1875.